

# FENOMENOLOGIA DO CORPO SUBJETIVO EM MICHEL HENRY: PRESSUPOSTOS A PARTIR DA ONTOLOGIA BIRANIANA

## PHENOMENOLOGY OF THE SUBJECTIVE BODY IN MICHEL HENRY: ASSUMPTIONS OF BIRANIAN ONTOLOGY\*

JANESSA PAGNUSSAT\*\*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, BRASIL

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo descrever o corpo subjetivo em Michel Henry. Partindo da concepção de subjetividade como pertencente ao ser originário e imanente, ser do ego, Henry descreve a materialidade subjetiva relacionada ao corpo. Se utilizando da teoria de Maine de Biran, na obra *Filosofia e fenomenologia do corpo*, ele apresenta o corpo subjetivo como revelação do próprio ser e do próprio ego na imanência pura. Assim, seus movimentos são manifestações originárias imanentes que se dão no corpo, o qual possui sabedoria própria, portanto, de onde advém todo conhecimento verdadeiro de si mesmo. Pelo *Eu posso* ocorre o movimento subjetivo que abre a possibilidade para todo o conhecimento. Por fim, essa manifestação imanente da subjetividade se dá como experiência interna transcendental através dos elementos transcendentais do corpo, revelando o ser originário.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Corpo. Maine de Biran. Movimento.

**Abstract:** This article aims to describe the subjective body in Michel Henry. Starting from the concept of subjectivity as belonging to the original and immanent being, being of the ego, Henry describes a material subjective for the body. If he uses Maine of Biran's theory, in the work *Philosophy and phenomenology of the body*, he presents the subjective body as a revelation of one's being and ego in pure immanence. Thus, its movements are manifestations originating immanents that occur in the body, which has its own wisdom, therefore, where all true self-knowledge comes from. As far as *I can* occur or the subjective movement that opens the possibility of all knowledge. Finally, this immanent manifestation of subjectivity occurs as the transcendental internal experience through the transcendent elements of the body, revealing or being original.

**Keywords:** Subjectivity. Body. Maine de Biran. Movement.

\* Artigo recebido em 22/07/2020 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/08/2020.

\*\* Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3717122113904588>. E-mail: [janessapagnussat@hotmail.com](mailto:janessapagnussat@hotmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

O corpo foi estudado por muitos fenomenólogos pertencentes a fenomenologia histórica, mas todos procuraram descrever o corpo como transcendente e externo a essência do ser e da subjetividade. Husserl designa a ideia de corpo através de duas concepções: corpo objetivo (*Körper*) e corpo próprio (*Leib*), as quais se referem, respectivamente, o corpo conhecido como um objeto entre os demais, e um corpo pelo qual o sujeito o reconhece como objeto de conhecimento. Henry inaugura o método fenomenológico ao considerar o corpo como subjetividade pura e imanente. Se baseia na teoria de Maine de Biran, o qual foi o único que descreveu o corpo subjetivo, pertencente a extensão do próprio eu. Assim, pretendemos ao longo do texto descrever como Henry concebe esse novo método subjetivo por meio da herança fenomenológica de Biran a partir da obra *Filosofia e Fenomenologia do corpo*.

Analisaremos a ideia de corpo, não de um corpo biológico ou apenas um corpo vivo, mas apresentaremos o corpo que se insere na esfera da subjetividade imanente. Para isso, far-se-á necessário uma explicação da teoria henryana da subjetividade, partindo das concepções utilizadas para descrever esse conceito. Para chegarmos a ideia de corpo subjetivo é necessário a vinculação de conceitos como imanência, vida, ser, ego, utilizados por Henry para afirmar a subjetividade. Nesse sentido, procuraremos descrever o corpo como subjetivo, imanente e pertencente a esfera do eu. Para tanto, ele é a possibilidade de manifestação da própria subjetividade em si mesma, que se conhece independentemente das coisas externas a ela.

A fenomenologia da Vida de Henry não necessita das coisas externas existentes no mundo para ser verdadeira, ela se autoafecta. O corpo subjetivo conhece a si mesmo enquanto movimento da própria subjetividade através do poder de sentir, amar, sofrer, movimentar-se. Assim, procuraremos explicitar esse poder originário do eu que se manifesta nos movimentos subjetivos e imanentes do corpo como experiência interna transcendental, a fim de descrever o corpo do ser como o próprio ego, portanto, subjetivo, dotado de uma sabedoria própria. Nesse sentido, a contribuição da ontologia biraniana na teoria de Henry se torna evidente e contribui para seu método puramente fenomenológico.

## 2. A CONCEPÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM MICHEL HENRY

A fenomenologia em Michel Henry se baseia em uma imanência pura e absoluta, em que, por não transcender, a essência do ser se manifesta nela mesma, em sua pura subjetividade. O método fenomenológico desse importante filósofo se apresenta pela manifestação imanente do ser. Na obra *L'essence de la manifestation*, ele afirma a “impossibilidade de sair de si mesmo” (HENRY, 2011a, p. 419), de se distanciar de sua essência, justificando a imanência no próprio ser da vida. Cada ser possui o poder originário de existência que se revela nele mesmo, independentemente de qualquer relação com os outros, com o externo e com o mundo.

Essa impossibilidade de escapar do próprio eu na relação original dele consigo mesmo gera a sua constituição imanente. Através dessa interioridade, a vida é vivida gerando cada singularidade destituída da escolha da sua subjetividade, já que a Vida escolhe antes mesmo da própria existência do ser. Assim, há o aparecer originário e a vida que vive a si mesma em sua subjetividade. Tudo o que o ego vive e experimenta em si mesmo é o aparecer originário. O ego experimenta sua essência que se revela nela mesma, não precisando de nada externo a ela para se revelar, já que toda exterioridade não é subjetiva. Portanto, tudo o que não é externo a essência é a subjetividade. Como o próprio Henry designa “*a vida fenomenológica absoluta cuja essência consiste no próprio fato de se sentir ou de experimentar a si mesmo e não é nada mais* –, o que ainda denominaríamos subjetividade” (HENRY, 2012a, p.27).

A vida subjetiva é singular, individual, não precisando de uma redução para se revelar, ela se revela nela mesma, pela sua autoafecção. Ela é interpretada anterior a *ek-stasis*<sup>1</sup>, pois se dá na fenomenalidade pura e originária e tem um conteúdo próprio que emerge espontaneamente em cada sujeito pela autoafecção, invadindo-o sem impedimento. Pela imanência, há a ideia originária de manifestação do ser e do corpo subjetivo, sem nenhuma possibilidade de intervenção externa. A imanência é afetada no próprio ser, pois ela é própria dele mesmo.

A subjetividade que é imediata e absoluta possibilita um fundamento originário para o ser e o próprio ego. Ela se prova a si mesma (HENRY, 2011, p.25), pois ela é interna e

---

<sup>1</sup> Para Henry, *ek-stasis* é a exteriorização do ser, assim como afirma Wondracek (2010, p.61): “o Ser será pensado sempre na exterioridade transcendental, em um *ek-stasis*, em uma ruptura e separação originária, traço em comum da filosofia clássica e da filosofia moderna da consciência, desde sua origem grega”.

necessária para a fenomenalidade pura do ser. Henry aponta que não precisa de uma redução fenomenológica para afirmar a subjetividade, ela se dá nela mesma, no próprio ego imanente. A autoafecção, enquanto subjetividade originária, é a unidade que dá sentido ao ser, se revelando nele mesmo. Assim, a subjetividade se autoafecta, é pura e não precisa ser constituída, ela se dá a si mesma na plena revelação. Pelo aparecer originário, cada ego vive e se experimenta na sua vivência pura, ou seja, experimenta a sua própria vida, seus sentimentos e sua subjetividade.

A vida não necessita das ciências para sua afirmação, ela conhece a si mesma em sua própria sabedoria, é imanência pura, é subjetividade. Seu poder se manifesta em cada ser na singularidade, no experimentar-se a si mesmo, no aparecer originário. A autoafecção revela a subjetividade que é sempre minha. Assim, se não há a minha subjetividade, não há a do mundo. Nesse sentido, o sujeito não possui a liberdade para fazer escolhas fora de Si<sup>2</sup>, já que o Si está condicionado à essência, e somente a ela. Esse argumento afirma a ipseidade e a singularidade de cada sujeito, levando-o ao conhecimento de sua própria essência por meio da imanência.

O grande ponto que Henry chama a atenção em sua fenomenologia é designado por não distinguir o corpo e o ego na esfera da imanência. A subjetividade se estende na corporeidade e não há uma diferença no próprio ser, pois o corpo pertence a ele. Assim, não se trata de descrever o corpo a partir das concepções de intencionalidade e de transcendência de Husserl<sup>3</sup>, já que o corpo subjetivo em Henry é imanência pura. A subjetividade parte de nossa vida constituindo o ego e o corpo imanente que tem sabedoria própria. Portanto, Henry por meio da fenomenologia material afirma que “*um corpo que é subjetivo e que é o ego*” (HENRY, 2012, p.21) constitui a vida subjetiva como a mesma vida do ser do ego e nosso corpo possui a sabedoria que pertence a esse ego absoluto, por isso a necessidade de cuidá-lo.

<sup>2</sup> “Sentir-se a si mesmo, ser afectado por si mesmo revela o ser e a possibilidade de *Si*. Na origem de toda a afecção e, portanto, de toda a experiência como sua condição, encontra-se não um sujeito puramente lógico, mas a ipseidade efectiva do sujeito, o seu ser em *si*” (FREITAS, 2000, p. 08, grifos do autor).

<sup>3</sup> Para Husserl, a intencionalidade é a “particularidade intrínseca e geral que a consciência tem de ser consciência qualidade de *cogito*, o seu *cogitatum* em si próprio” (2001, p.48). Já a transcendência, é o que está fora da consciência, é o ser no mundo externo. Somente pela redução fenomenológica, o ser apreende os objetos através de sua intencionalidade como experiência em si mesmo reduzidos na consciência. Portanto, “reduzo meu *eu* humano natural e minha vida psíquica – domínio de minha *experiência psicológica interna* – a meu *eu* transcendental e fenomenológico, domínio da *experiência interna transcendental e fenomenológica*” (HUSSERL, 2001, p.43).

Nesse sentido, o corpo é a subjetividade concreta do ego: eu tenho um corpo e também sou um corpo. Ele não é visto como um corpo objeto, mas designado a partir da imanência. Assim como afirma Grzibowski (2019, p.57), “o corpo não é pensado como um objeto, máquina ou coisa. Por ser um corpo sensível, ou melhor, corpo afetivo e que é ego, não pode ser um simples instrumento que estaria a serviço de um ego soberano e racional”. Nesse sentido, o corpo vivo que sente, que sofre, que chora e que vive, é afetividade<sup>4</sup>, sensibilidade, sabedoria originária. Sendo subjetivo, ele faz parte do meu ser e por ele tenho o poder de manifestação dos meus sentimentos. O corpo que é vida, me faz viver, chorar, sorrir.

As experiências nos são dadas de imediato, na imanência absoluta e radical da subjetividade. O acesso aos dados externos nos são dados pelo corpo subjetivo que nos pertence de forma imediata a subjetividade. Henry evidencia que essa é a maneira mais perfeita pela qual podemos conhecer nosso próprio ego enquanto pertencente a materialidade subjetiva. A vida originária antecede toda subjetividade do ser dada no corpo imanente, mas ocorre de imediato em ambos.

Maine de Biran também foi um grande precursor por designar a relação entre o fato primitivo, seja ele o ego, e o corpo enquanto coexistentes um ao outro numa ontologia fenomenológica. Henry se utiliza dessa teoria biraniana para descrever uma ontologia subjetiva designando o corpo como subjetivo pertencente a esfera da imanência absoluta em que seus movimentos designam a possibilidade ontológica de conhecimento do mundo através das cores, odores, tato e outras sensações. Nesse sentido, o movimento do corpo também é pertencente ao ego pela sua imanência e subjetividade. A seguir, procuraremos descrever a leitura henryana da teoria de Biran acerca da concepção de corpo subjetivo e, posteriormente, nos deteremos a explicitar o poder originário como possibilidade para os movimentos imanentes pertencentes a esfera da subjetividade.

### **3. O CORPO SUBJETIVO: RELAÇÃO COM A ONTOLOGIA DE MAINE DE BIRAN**

<sup>4</sup> “La subjectivité constitutive de l'être et identique à celui-ci est l'être-avec-soi, le parvenir en soi-même de l'être tel qu'il s'accomplit dans la passivité originelle du souffrir. L'essence de la subjectivité est l'affectivité” (HENRY, 2011, p. 595, grifos do autor).

Na obra *Filosofia e fenomenologia do corpo*<sup>5</sup>, Henry afirma que o grande erro das ciências e da tradição fenomenológica foi considerar o corpo como objeto, sendo que ele é subjetivo, não sendo separado do ser absoluto. O único filósofo a designar o corpo como subjetivo foi Maine de Biran ao formular uma teoria ontológica de análise do ser e de sua essência, o qual Henry encontra a base para a fundamentação de sua teoria do corpo através da subjetividade pura, absoluta e imanente. “O primeiro filósofo e, na verdade, o único que, na longa história da reflexão humana, compreendeu a necessidade de determinar originariamente nosso corpo como *um corpo subjetivo* foi Maine de Biran” (HENRY, 2012, p.18). Portanto, sua originalidade foi “*ter ligado o problema das categorias, não ao do espírito ou da razão, mas ao da subjetividade*” (HENRY, 2012, p.36). Para Biran, a categoria é uma experiência que é dada e experimentada ontologicamente.

Henry descreve o corpo subjetivo relacionado ao ego, pois a subjetividade se dá no próprio ego, o que Biran já reconhecera em sua teoria. O corpo pertence a uma ontologia radical que não se refere ao corpo como biológico, mas pertencente a uma subjetividade do ser em que “o ego é o ser do conhecimento ontológico” e “o sentimento do eu é o fato primitivo do conhecimento” (HENRY, 2012, p.56). Assim, o corpo como subjetivo e imanente é autoafectado no ser.

O ser do ego é um saber originário, de onde advém a sabedoria do corpo. A vida se caracteriza pela impossibilidade de escapar de si mesma, ela que tem a sabedoria e o conhecimento de si mesma. No corpo subjetivo, essa sabedoria é manifestada como poder de revelação do conteúdo da vida, ou seja, cada vivente possui o poder originário e concreto manifestado na materialidade da vida, em sua afetividade, em seus vividos. Não há vida sem vivente e cada vida se revela em sua autoafecção do sofrer e do fruir. Portanto, a diferença entre o eu e o outro se dá pela originalidade da vida de cada um, em sua singularidade e autoafecção, não pelas características externas de cada um.

A herança de Maine de Biran em Michel Henry é o corpo em sua imanência pura, onde se dão todas as tonalidades afetivas, ele que é autodoação da sua subjetividade. Assim, “a vida se dá como afeto num corpo dotado de sentido, é no corpo que se dão as impressões do ser da vida. Henry empreende uma teoria fenomenológica do corpo, do eu posso, da vida que é imanência, do sujeito com a subjetividade concreta” (PRASERES, 2017, p.94). A existência do ser não está separada da existência do corpo, então, o corpo pertence a

<sup>5</sup> Esta obra compõe um capítulo da *L'essence de la manifestation* que devido sua extensão foi separada da obra principal.

subjetividade e ao ego como manifestação da própria vida que se revela nela mesma e no mundo, sendo que o seu movimento pertence a esfera da imanência absoluta subjetiva. Portanto, o conhecimento em Henry não se dá por meio da relação corpo-objeto, mas através do corpo subjetivo que se conhece a si mesmo e que dá acesso as coisas externas através de seus movimentos como sentir, tocar, desejar, interagir com o mundo externo. O movimento subjetivo através do corpo originário abre a possibilidade de acesso ao mundo.

Para Biran, o cogito é entendido como ação<sup>6</sup>, movimento de esforço. Esse movimento do corpo biraniano não é intencional, “é o sentimento de pertença ou de implicação do eu no processo da vida” (MARTINS, 2017, p. 91). Nesse sentido, a reflexão biraniana acerca do corpo designa a experiência interna transcendental e não se refere ao conhecimento visado na intencionalidade, mas o conhecimento incluído em toda essa intencionalidade, sendo somente essa a verdade apodíctica do corpo subjetivo, pois “o ser fenomenológico, isto é, originário, real e absoluto, do corpo é, assim, um ser subjetivo” (HENRY, 2012, p.76).

Segundo Henry, a originalidade de Biran se baseia na relação entre as categorias<sup>7</sup> e a apercepção interna sob a designação da subjetividade. Nesse sentido, a teoria henryana “sustenta que a intencionalidade originária se dá na experiência interna transcendental, e revela o conteúdo verdadeiro” (GRZIBOWSKI, 2019, p.57). A subjetividade é a certeza do ser e o movimento pertencente ao corpo subjetivo traz em si a própria certeza. A concordância de Henry a Biran se deve ao conhecimento das faculdades do corpo antes mesmo de elas serem exercidas. Portanto, o ser deve conhecer essas categorias<sup>8</sup> a fim de

<sup>6</sup> Porém, precisamos levar em consideração que “o sentimento de ação não resulta de uma sensação, que a ação é conhecida em si mesma uma vez que pertence à esfera da subjetividade”. (HENRY, 2012, p. 90)

<sup>7</sup> “A possibilidade ontológica é a subjetividade, não precisa, portanto, ser deduzida, mas simplesmente ser lida e conhecida em sua esfera da existência original. A dedução, na verdade, é uma redução, reduzir uma categoria é reduzir seu ser ao que é originariamente e, desta vez, de maneira irredutível”. (HENRY, 2012, p. 42)

<sup>8</sup> “Não há lugar no mundo para o ser das categorias – é que o mundo é um *mundo vivido* pelo *ego* e não dele separado, de modo que não há tampouco um mundo morto, mas há uma vida, esta mesma que lhe confere o ego. A vida do mundo é a do ego e, portanto, o mundo é um mundo no qual se entrecruzam causas, forças, é um mundo com zonas que são centros de interesse, de atração ou reação, um poder, uma potência que não posso nem ignorar, nem desafiar continuamente. O mundo é um mundo que penetra minha casualidade, que domina até nas recusas que lhe dirige, até na resistência que lhe opõe. As coisas têm suas categorias, suas maneiras de agir, ou seja, de se doar a nós, sua maneira de ser para o ego. É porque o ego é casualidade, força, unidade, identidade, liberdade que as coisas são como realidades, individualidades e têm um poder autônomo que lhes pertence e que as define a nossos olhos. *O mundo é o mesmo porque eu sou o mesmo*. O ser mágico do mundo é finalmente irredutível, pois o mundo é um mundo humano. O mundo da ciência, *um mundo sem causas*, não passa de um mundo abstrato”. (HENRY, 2012, p.45-46, grifos do autor).

exercê-las em seu próprio corpo. Essa concepção ocorre de forma imanente, sendo que o ego é uma categoria pertencente a esfera da imanência absoluta.

“Eu sou meu corpo” significa bem exatamente: o ser originário de meu corpo é um modo da vida absoluta do ego. “Tenho um corpo” significa: um corpo transcendente se manifesta também para mim e se dá a mim como submetido, através de uma relação de dependência, ao corpo absoluto, o qual, como mostrou a teoria da constituição do corpo propriamente dito, funda tanto esse corpo objetivo quanto a relação de posse que o vincula ao ego. (HENRY, 2012, p.239)

Nesse sentido, o corpo originário não é transcendente, ele é subjetivo em sua imanência pura através da ontologia do movimento e do sentir. Portanto, o sentir é independente da sensação, pois ele é puro. Ao abstrair tudo o que é transcendente, resta apenas a vida como autoafecção que se manifesta na materialidade fenomenológica. Sendo assim, a decomposição do pensamento cartesiano abstrai o sentir no próprio corpo e essa decomposição abstrai o corpo antes das sensações, o corpo puro como unidade transcendental da subjetividade. Portanto, Henry designa esse corpo subjetivo como a experiência interna transcendental do ser<sup>9</sup>.

A vida imanente retém o corpo como pertencente a sua subjetividade. A ipseidade e a individualidade do corpo orgânico corresponde a ipseidade e a individualidade do corpo originário. Portanto, o conjunto de órgãos orgânicos do meu corpo significa que estão sob o mesmo poder originário. Além disso, o conhecimento imediato do corpo é o conhecimento originário do corpo orgânico, sendo que o conhecimento secundário de nosso corpo é a representação do corpo objetivo transcendental. Assim, o corpo é o local dos movimentos subjetivos e não pode ser entendido como externo, pois ele é uma “extensão interior” do ser absoluto, conhecido anteriormente aos sentimentos, sensações e movimentos que desencadeia. Portanto, “o poder que as constitui e é o nosso poder transcendental de sentir não é diferente do ser originário do movimento subjetivo” (HENRY, 2012, p.163). O corpo como movimento é experiência imediata e possui a sabedoria da subjetividade imanente. A seguir nos deteremos a explicitar esse movimento subjetivo do corpo a partir do poder originário do ser, já que quando dormimos fizemos alguns movimentos sem pensarmos anteriormente neles, por exemplo. A interpretação de Biran do cogito cartesiano como “Eu

<sup>9</sup> HENRY, Michel. *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana*. São Paulo: É realizações, 2012, p. 69-134.

posso” abre a possibilidade para a imanência e a subjetividade do corpo enquanto apercepção interna transcendental.

#### 4. O “EU POSSO” COMO PODER DO COGITO NO MOVIMENTO DO CORPO ENQUANTO EXPERIÊNCIA INTERNA TRANSCENDENTAL MANIFESTADA NO SER SUBJETIVO

Conforme descrevemos até agora, através de Maine de Biran, Henry se utiliza de sua filosofia primeira para designar o movimento corpóreo como subjetivo. Os movimentos do corpo já nos são conhecidos, por isso nos movimentamos sem pensar neles. Assim, “as crianças e os seres humanos em geral fazem seus movimentos sem pensar neles, mas não, todavia, sem conhecê-los” (HENRY, 2012, p.72). Sendo uma experiência interna transcendental, o corpo é o mesmo do movimento que designa essa experiência e o mesmo do ser, pois sou eu mesmo o elemento desses movimentos do corpo. Porém, o movimento não é reflexivo nem conhecido por meio da reflexão e também não ocorre através do pensamento. Tentaremos explicar melhor através da interpretação biraniana do *Eu posso* a partir do *Eu penso* cartesiano.

Descartes considerou o movimento do corpo como *res extensa*, mas pelo cogito pensante o reduziu a *res cogitans*, já que o pensamento cartesiano é o que determina a existência do ser. Henry considera Biran o único herdeiro do cogito de Descartes e que conseguiu descrever a tese sobre a corporeidade de forma satisfatória na fenomenologia ao reconhecer a apercepção interna transcendental do corpo. A negação do corpo no final da Segunda *Meditação* de Descartes, faz com que Henry se detenha a uma inversão fenomenológica do corpo, designando-o como subjetivo, seguindo a teoria de Biran que identificou o corpo vivo espontâneo em seus movimentos enquanto uma apercepção interna. Portanto, a grande diferença entre Descartes e Biran corresponde ao modo de interpretação da teoria do corpo, respectivamente, relacionado ao pensamento e ao poder originário.

A originalidade de Biran é traduzir o *Eu penso* como *Eu posso* pela possibilidade do movimento do corpo subjetivo em uma relação com o ser do ego. Porém, “o *cogito* biraniano não se contrapõe de nenhum modo ao *cogito* cartesiano, não cabe contrapor um ‘eu posso’ ao ‘eu penso’, pois, ao contrário, toda a análise biraniana do esforço tem por resultado único e

essencial determinar esse esforço como um modo de subjetividade” (HENRY, 2012, p.73). Nesse sentido, percebemos que a concepção subjetiva nas teorias de Biran e Descartes não se contrapõem, elas são complementares. Pelo poder originário da existência do ser, *Eu posso* manifestar o movimento subjetivo e imanente de meu corpo.

A partir da leitura da ontologia biraniana, Henry designa o corpo subjetivo como imanente por meio do *Eu posso* enquanto subjetividade concreta. O corpo possui movimentos subjetivos pertencentes ao ser ontológico dotado de poderes e capacidades subjetivas. Esse corpo que não é objeto, ele é a própria manifestação do ego cogito. Assim como afirma Praseres (2014, p.14), “o *cogito* é o corpo. É por meio do corpo que os movimentos se realizam, a vida se dá como afeto num corpo dotado de sentido, é no corpo que se dá as impressões do ser da vida”. Portanto, os movimentos do corpo são originários pelo pertencimento ao ser subjetivo e imanente, mas não designam a representação do ser no mundo. Além disso, são conhecidos no ser, pois o corpo possui o conhecimento originário e absoluto de si mesmo, em que “a Subjetividade vem pelo conhecimento do movimento do corpo” (PRASERES, 2014, p.15). Nesse sentido, a fenomenologia de Henry que designa o corpo como subjetivo dá sentido a materialidade originária do ser.

Através da teoria ontológica imanente podemos sentir nosso corpo enquanto uma experiência interna transcendental. Pelo seu movimento temos acesso às sensações do mundo, mas não enquanto representação, mas como uma experiência subjetiva e por sua sabedoria própria. Assim, o poder do corpo subjetivo permite que o ser possa sentir, tocar, andar e adquirir contato com o mundo. Porém, os movimentos de nosso corpo não são determinações fisiológicas, mas poderes originários manifestados em nosso corpo pela subjetividade absoluta e imanente. Para tanto, trata-se de um único poder: o poder do movimento subjetivo, o *Eu posso*.

O poder subjetivo abre a possibilidade para o conhecimento de tudo o que me rodeia e rodeia meu corpo, pois o corpo me permite chegar ao conhecimento através de seu movimento, entendido não como um meio para o alcance de um fim, mas como um conhecimento ontológico imanente do próprio ego. A experiência subjetiva do ser no mundo só ocorre pelo movimento do corpo que tem esse poder e uma sabedoria subjetiva.

Sendo o corpo um poder, ele é originário no ser do movimento e do conhecimento ontológico. O corpo é a possibilidade ontológica de todo conhecimento, pois tenho poder sobre meu corpo que é subjetivo. Portanto, “cada vez que um objeto é dado a meu corpo, ele não se dá tanto como objeto de uma experiência presente, mas como algo que meu corpo

*pode* atingir, como algo que está submetido a um poder que o corpo tem sobre ele” (HENRY, 2012, p.121). Assim, sendo conhecimento ontológico, ele está presente em mim como um conhecimento real, ou seja, a certeza do mundo ocorre através do meu corpo pela experiência interna transcendental, já que “o corpo é, ao mesmo tempo, um objeto do mundo e um lugar de acesso ao mundo, sendo este um modo de fenomenalização, pelas prestações transcendentais dos sentidos” (LECLERQ, 2014, p.175).

Assim, levando em consideração a teoria de Biran através da leitura henryana, é perceptível que o ser do movimento é o ser subjetivo, já que conhecemos cada movimento do corpo por ele nos pertencer. A interioridade ontológica se refere a uma região do ser que se dá na relação imediata consigo mesma. Enquanto a interioridade do movimento subjetivo é absoluta, pura e imanente, a interioridade do corpo constituído é a esfera transcendental, fora da esfera absoluta do ser. Assim, “o movimento de minha mão como deslocamento objetivo é um movimento em terceira pessoa, e a relação de dependência que o liga ao ego, relação que precisamente deve fazê-la parecer como um ‘efeito’ da ação deste último, permanece misterioso” (HENRY, 2012, p.84). Essa relação ontológica se torna evidente ao considerar a própria afirmação da subjetividade.

O corpo subjetivo é imanente, mas o núcleo desse corpo que se torna objeto no mundo é transcendental. Ou seja, “o que chamamos de imanência se tornou, assim, a essência do transcendente” (HENRY, 2012, p.136). Os olhos, as mãos, os ouvidos, o nariz, a boca e todos os membros de nosso corpo são elementos transcendentais do corpo imanente onde são manifestados os poderes do corpo que vê, que ouve, que se movimenta, que sente. É o poder sobre o corpo que movimenta meus olhos para enxergar, minhas mãos, minhas pernas e todos os elementos transcendentais. Esses movimentos são imanentes, portanto, subjetivos, espontâneos pela própria manifestação do ser. Assim, “só a subjetividade absoluta é uma espontaneidade. O que é imanente à nossa vida sensível e constitui seu ser é o ser subjetivo do movimento, que define tanto o poder de nosso corpo quanto a qualidade própria de nossa individualidade” (HENRY, 2012, p.134). Pela imanência, pelo poder originário e pela singularidade de cada vida que se desvela no ser manifestando a sua verdade, o movimento do corpo é imanente enquanto apercepção interna transcendental, “*porque o movimento subjetivo é imanente ao exercício de cada sentido, porque é o ser mesmo do corpo*” (HENRY, 2012, p.106).

Para tanto, essa subjetividade pura possui a apercepção interna transcendental através do movimento dos membros transcendentais no corpo imanente. O movimento subjetivo ocorre através do poder e sabedoria própria em sua imanência absoluta no ser subjetivo. A

manifestação do próprio ser em seu corpo sensível é imanente através dos elementos transcendentais que são os membros do corpo subjetivo. Assim, através do poder originário, a imanência subjetiva se manifesta em sua própria essência. Portanto, o poder que tenho sobre meu corpo permite seus movimentos na pura subjetividade como experiência interna transcendental.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da fenomenologia de Michel Henry em sua análise da ontologia biraniana podemos compreender melhor o corpo subjetivo como uma manifestação imanente do próprio ser. A subjetividade é a designação do ser originário, imanente e absoluto que se revela e se experimenta a si mesmo. Ela pertence a essência do ser e se autoafecta. Através da materialidade fenomenológica, a grande tese de Henry é denominar o corpo como subjetivo, pertencente a essa imanência pura. Ele não pode ser considerado uma máquina ou instrumento pertencente ao ser, pois o corpo é o próprio ego. Portanto, ele não é algo externo, pertence a vida e se revela nela mesma.

Os sentimentos e sensações são conhecidos pela sabedoria própria subjetiva antes mesmo de sua manifestação corpórea. Não é necessário o contato com o mundo para que esses possam se tornar verdadeiros, eles se afirmam a si mesmo pela sua imanência pura. Então, o corpo como uma extensão do ser absoluto possui movimentos subjetivos e imanentes que desencadeiam a apercepção interna transcendental. Henry evidencia que sentimos nosso corpo pelo seu pertencimento ontológico e ao senti-lo tenho uma experiência interna transcendental de seus movimentos. Isso ocorre devido a sua subjetividade e ao poder originário manifestado, já que tudo o que é revelado no ser do ego, se revela no corpo subjetivo em sua sabedoria própria.

## Referências

- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREITAS, Manuel Barbosa da Costa. Apresentação. In: HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Florinda Martins. Portugal: Círculo de Leitores, 2000, p. 05-12.
- GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas*, Santa Maria, v.10, n.1, 2019, p. 53-61.
- HENRY, Michel. (2011), *De la subjectivité*. Tome II Phénoménologie de la vie. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.
- HENRY, Michel. (2011a), *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.
- HENRY, Michel. (2012), *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana*. São Paulo: É realizações, 2012.
- HENRY, Michel. (2012a), *A Barbárie*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- LECLERCQ, Jean. “*Ter dois corpos*”: vida, afetividade e sexualidade em Michel Henry. Trad. Maria Cândida Teixeira. In: ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela Vendramel (Orgs.). *Fenomenologia da vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014, p.173-193.
- MARTINS, Florinda. *Estátuas de anjos: para uma fenomenologia da vida e da clínica*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- PRASERES, Janilce Silva. Michel Henry, vida e o corpo subjetivo: uma leitura fenomenológica. *Literarius*, Santa Maria, v.13, n.3, 2014, p. 1-17.
- PRASERES, Janilce Silva. Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry. In: ROSENDO, Ana Paula; MORUJAO, Carlos. *Corpo e Afetividade: Colóquio Internacional Michel Henry*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017, p. 89-107.
- WONDRACEK, Karin H. K. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. Dissertação (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.

---

Universidade Católica de Petrópolis  
Centro de Teologia e Humanidades  
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis  
Tel: (24) 2244-4000  
[synesis@ucp.br](mailto:synesis@ucp.br)  
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



PAGNUSSAT, Janessa. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: pressupostos a partir da ontologia biraniana. **Synesis**, v. 12, n. 1, jul. 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1987>

---